

CORTINAS DO COTIDIANO: VIDAS NA MODERNIDADE

EVERYDAY CURTAINS: LIVES IN MODERNITY

Miriam Oliveira Santos¹
Jacqueline Lobo de Mesquita²

RESUMO: O objetivo deste artigo é pensar sobre a cidade e os efeitos da modernização a partir das perspectivas de Hoffmann, Poe e Baudelaire, usadas principalmente para refletir sobre os efeitos de uma vida sob vigilância. O foco da análise é o espaço da janela e a maneira como as pessoas se apresentam diante dela. Para enriquecer o debate, são apresentados dados coletados durante uma pesquisa de doutorado recentemente concluída na cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Metrópole; Vida urbana; Público; Privado.

ABSTRACT: The objective of this article is to think about the city and the effects of modernization from the perspectives of Hoffmann, Poe and Baudelaire, used mainly to reflect on the effects of a life under surveillance. The focus of the analysis is the window space and the way people present themselves in front of it. To enrich the debate, data collected during recently completed doctoral research in the city of Rio de Janeiro are presented.

KEYWORDS: Modernity; Metropolis; Urban life; Public; Private.



10.23925/2176-4174.v3.2024e68734

Recebido em: 17/10/2024.

Aprovado em: 06/11/2024.

Publicado em: 24/01/2025.

¹ Doutorado em Antropologia Social (UFRJ). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9177-2417> E-mail: mirsantos@uol.com.br

² Doutorado em Ciências Sociais (PUCRJ). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6193-1090> E-mail: jd89.jl@gmail.com

Introdução

O objetivo deste artigo é pensar a cidade e os efeitos da modernização a partir de textos de Hoffmann, Poe e Baudelaire, utilizados principalmente para pensar o reflexo dos efeitos de uma vida vigiada, tendo como ponto de análise o espaço da janela e a maneira como as pessoas se apresentam diante dela. Mesclaremos a análise de textos literários com textos acadêmicos da área das ciências humanas e sociais. A fim de enriquecer o debate, trazemos como material de apoio dados recolhidos durante pesquisa de doutorado, recentemente concluída. A pesquisa empírica foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente em um prédio de apartamentos conjugados na Zona Sul da cidade. A tensão presente entre público e privado será um dos pontos abordado, tendo como principal questionamento aquilo que colocamos à frente das janelas e o que escondemos por trás das cortinas.

1. Sobre perceber a cidade

É necessário conhecer as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas - dos bairros, das ruas, das redes de sociabilidade, as dinâmicas identitárias apreendidas in situ, através da pesquisa direta que dá visibilidade ao que não se vê, não se sabe nem se imagina (AGIER, 2011, p. 19).

Autores de diversas áreas norteiam suas pesquisas a partir da cidade. Tomemos como exemplo os antropólogos da escola de Chicago³ que tiveram como ponto de referência as mudanças na malha urbana que ocorriam e a necessidade de acompanhar tais avanços.

Entretanto, tais pesquisadores não surgem como pioneiros. Filósofos, poetas, pintores, já há muito registravam o cotidiano das cidades em suas narrativas. Para alguns intelectuais do final do século XIX e início do XX, tais como Baudelaire, Simmel

3 A Escola de Chicago foi um movimento sociológico que surgiu na Universidade de Chicago no início do século XX, especialmente nas décadas de 1920 e 1930. Esse movimento é conhecido por sua ênfase na pesquisa empírica e na observação direta como métodos de estudo social. Os sociólogos da Escola de Chicago, como Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Louis Wirth, focaram em temas como urbanização, migração, e a vida social nas cidades.

e Benjamin, a cidade é o lugar da não memória, da individualidade (MENEZES, 2004, p. 79). Nesse período, também se destaca a obra do sociólogo francês Gustave Le Bon, que desenvolveu a teoria das multidões no final do século XIX. Ele acreditava que, quando as pessoas se juntam em uma multidão, elas perdem sua individualidade e adotam um ‘espírito de grupo’ que os leva a agir de maneira diferente do que fariam sozinhas. Nas suas palavras: “Um indivíduo em uma multidão é um grão de areia em meio a outros grãos de areia, que o vento agita à vontade” (LE BON, 1895, p. 13). De certo modo, todos presenciam a mudança da paisagem ocorrida pelas migrações do campo para a cidade, Baudelaire acompanha as massas caminhando na cidade fornecendo braços para as indústrias nascentes e consolidando a expansão urbana, e demonstra profundo interesse em multidões, tema este, aliás, que se encontra em “O homem na multidão”, de Edgar Allan Poe.

O crescente tema da modernidade por ambos retratado e observado por meio dos olhos do flâneur talvez tenha sido suscitado pela dinâmica dos novos tempos, no que implica as novidades que permeiam a cidade e as representações do cotidiano.

Cabe destacar que a modernidade é um conceito complexo que se refere às transformações sociais, culturais, econômicas e políticas que ocorreram a partir do século XVIII, com o Iluminismo e a Revolução Industrial. A modernidade trouxe avanços, mas também desafios e críticas, como a alienação, a fragmentação social e os impactos ambientais.

Encontramos nessa época críticas como a do poeta Wordsworth, que se perguntava:

[...] como podia um homem
Viver sem conhecer sequer nome
Dos vizinhos que moram a seu lado⁴.

Em “O homem das multidões”, conto publicado em 1840, por Edgar Allan Poe, um homem convalescente observa pela janela do hotel o grande movimento de uma das principais ruas de Londres e, em meio à multidão, um senhor com uma aparência diferente lhe chama atenção. Quem é esse sujeito, o que ele faz, qual sua identidade? Tais questões serão guias do narrador que por dois dias segue o personagem, chegando à conclusão de que não haveria uma resposta sobre a identidade daquele

⁴WORDSWORTH, William. The prelude: a parallel text. Londres: J. C. Maxwell, 1971. p. 256.

sujeito. De certo modo, o que poderíamos pensar a respeito do conto é que o “homem das multidões” é um homem-massa, vivendo entre a solidão e a aglomeração proporcionada pelas multidões, é incapaz de aprofundar-se e criar relacionamentos. O novo olhar que surge com todas as mudanças pelas quais França, Londres e Berlim estão passando transforma seu conto em verdadeiros mosaicos, pintando um quadro abstrato sobre a modernidade, ainda não compreendida e, ao mesmo tempo, carregada de significados.

O alemão Ernst Hoffman (1776-1822), por sua vez, demonstra no seu conto “A janela da esquina do meu primo”, publicado em 1822, um olhar sobre a multidão, ou mais do que isso. A questão aqui passa a ser: como discernir e compreender os detalhes em um conjunto de cores pelo qual a multidão é representada? No conto, o diálogo entre o primo e o protagonista paralítico começa com estes observando uma feira. A princípio, o que se observa é uma grande massa, sem rosto, identidade, enfim, um grande aglomerado de pessoas. Mas, conforme vamos vencendo as páginas, nos aprofundamos dentro da massa, e começamos a distinguir o que antes apenas era possível ver. Agora, uma mulher toma forma e ganha detalhes. Mais à frente, isso se passa com um homem, de modo que aos poucos vamos acompanhando o que o primo se propõe a fazer, ensinando o protagonista a ver a cena pela janela e construir nela os detalhes que trazem particularidades a respeito da própria mudança da cidade. A esse respeito, observa-se o seguinte:

Primo! Primo! Vejo agora que em seu íntimo não arde uma centelha sequer de talento literário. Falta-lhe a disposição mais elementar para poder seguir os passos de seu primo digno e paralítico, ou seja, um olho! Um olho que realmente enxergue! Aquela feira do mercado não lhe oferece senão a visão de um colorido e alucinante amontoado de gente se movendo num afã insignificante; Há. Há! Ao contrário de você, meu amigo, vejo desenrolar-se um cenário variado da vida burguesa e meu espírito [...] Preste atenção, primo! Vou tentar ensinar-lhe que somente as primícias da arte de enxergar. Pegue minha luneta e olhe direto para baixo na direção da rua: está vendo aquela mulher vestida com roupas excêntricas e com o grande cesto no braço, a qual [...].

[...] Muito bem, primo, fixar o olhar propicia o enxergar nítido (HOFFMAN, 2010, p. 16-17).

O que podemos claramente notar é o grande interesse pela multidão. Porém, se em Poe “saímos” e caminhamos atrás de cada personagem e somos convidados a caminhar com a multidão; em Hoffman, observamos de cima, de modo que a interação com a massa, nossa “entrada” nela, se dá de modo diferente, nos levando a perceber detalhadamente cada um dos personagens.

Baudelaire (1995) nos dizia que vivenciar a multidão sem saber estar só é um grande erro. Embora sua obra contemple sobretudo a poesia, assim como os dois outros autores apresentados, revela muito de sua própria realidade, realizando uma autêntica e quase pesada confissão, autobiográfica e violenta. O autor nos traz o espaço da solidão para ser pensada: “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis pelo poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão também não sabe estar só no meio de uma multidão ocupadíssima” (BAUDELAIRE, 1995, p. 67).

Outra questão que aparecerá com força nos poemas do autor é a relação entre pobreza e riqueza. Ao escrever “Os olhos dos pobres”, a janela ganha uma conotação de local limítrofe que separa ambos os mundos, mas que permite uma incursão sobre as diferenças sociais que afetaram e ainda hoje afetam. O poema conta a história de dois jovens amantes que se encontram em um café e, entre olhares apaixonados, se deparam com o olhar de três famintos mirando o interior fascinados. O que mostramos até o momento era como sempre o olhar de dentro encontrava a multidão fora, com Baudelaire o olhar de fora também fita a cena que demarca claramente uma diferença social. Mas é justamente um elemento interessante de análise, e a utilização do vidro para mostrar o interior dos ambientes e principalmente as vitrines fomenta essa divisão social. Você pode ver, porém não pode comprar. Entretanto, pode observar uma vida que também lhe observa.

A modernidade e a vida na metrópole criaram o homem multifacetado que enxerga na vida urbana a existência de diversas identidades. Nos diria Simmel (1987) que é justamente esse gigantesco número de novos estímulos que cria no homem a atitude blasé, quase que como uma busca de conforto na individualidade, reflexos estes da vida vivida em sociedades urbanizadas.

Em outras palavras, o que o autor está dizendo é que compartilhar os espaços das cidades tem consequências psicológicas. Entre as consequências, o distanciamento das relações afetivas poderia ser um exemplo. O autor, bem como os

demais, é um observador de seu meio social, sendo este seu espaço para análises importantes a respeito das manifestações da modernidade social e também histórica. Para Simmel, a modernidade podia ser considerada ambivalente, ou seja, se por um lado ela produz alienação, por outro ela liberta o indivíduo. Segundo Velho:

Um dos pontos básicos de Simmel é mostrar que o desenvolvimento dos valores individualistas está associado à possibilidade do indivíduo poder transitar entre diferentes grupos, não sendo englobado, diríamos nós, apenas por um deles. Essa experiência estimula e reforça uma percepção de si mesmo como ser independente (VELHO, 2000, p. 18).

Se de um lado do oceano os autores europeus mostravam os reflexos da modernidade e da vida urbana, o mesmo ocorre na América do Norte, sobretudo por meio da Escola de Chicago. De maneira análoga, esse movimento de observar a rua considerando-a um elemento de análise para perceber as novas facetas urbanas se mostra no Brasil por meio de diversos autores.

A rua, elemento tão presente nas crônicas, contos e poesias europeias, terá em João do Rio um espaço dedicado para apresentar as cenas do cotidiano que indicam as mudanças na cidade do Rio de Janeiro.

João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, nasceu em 1881. Foi considerado um grande cronista que descreve o mundo social a sua volta, assim como fez Hoffman, Baudelaire e outros. Ele retrata detalhadamente grupos sociais, indivíduos e a própria paisagem que estes compõem. Em suas abordagens literárias “A alma Encantadora das Ruas” e “A arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro”, tomamos conhecimento do retrato da cidade, a partir de sua experiência e interpretação.

É justamente o que normalmente passaria despercebido que chama atenção de João do Rio, pois, segundo o autor, de nada adianta termos conhecimento sobre “a vida do burguês de Londres, da geografia de Manchúria ou do patriotismo japonês, se desconhecemos nosso próprio território” (RIO in GOMES, 2006, p. 80). E é a rua que, para ele, pode dar voz a esse desconhecimento, transformando-o em conhecimento. Dirá o autor que ler a cidade é compreender seus “processos vivos” e “relacionais” sem cair no erro de olhar a cidade como uma totalidade. “O Rio de Janeiro, na época, era o centro político, comercial e populacional do país [...]. O Rio

respira a modernidade, mas é uma cidade que parou a si mesma no tempo” (RIO in GOMES, 2006, p. 10).

Em suas primeiras páginas, o autor demonstra seu amor pela rua. De modo poético, sua crônica mostra as verdades que a rua produz, e os produtos presentes nela. É na figura do caminhar por essas ruas que ele recupera em sua narrativa o ofício do flâneur. Assim, se caminham e se vivenciam, se perdem e se encontram, no espaço perdido, novos sentidos. O autor nos diz em veemente debate com Poe e Hoffmann que flunar é perambular com inteligência.

É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem da Multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O flâneur é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão (GOMES, 2006, p. 5).

Se para Simmel (1987) a vida na metrópole acarreta consequências psicológicas, em João do Rio é possível perceber de maneira positiva essa necessidade de responder a diferentes estímulos. Assinando com diversos pseudônimos, ele acompanha as mudanças na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XX. Dirá Cordeiro (1957) que João do Rio é por excelência o cronista que registrou tanto as transformações da cidade quanto os acontecimentos do Brasil. Mais recentemente encontramos em Lefebvre a seguinte reflexão sobre a rua e seus significados:

A favor da rua: a rua é o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. A rua é a desordem? (LEFEBVRE, 1999, p. 27).

Segundo ele, o espaço urbano é o local do encontro das coisas e das pessoas. Pois é na rua que diferentes mundos e realidades se sobrepõem. De acordo com Lefebvre, a rua é o local da descontinuidade, da vivacidade, e é nela que as divergências e distinções podem ser facilmente percebidas.

O autor entende o espaço urbano como um produto, resultado da crise da acumulação do capital, que se manifestou sob a forma de urbanização em massa, enquanto o urbano é o espaço da acumulação do capital. Assim, o autor aponta para um espaço social que não é apenas histórico, mas também social.

De certa forma, as ideias de Lefebvre (1999) ecoam Park (1967) que, em seu texto “A cidade”, pontua que a cidade e o ambiente urbano representam o homem, entretanto, como em um jogo de dualismos, o indivíduo na tarefa de fazer a cidade se refaz, e é justamente nesse refazer que as relações sociais podem tomar diferentes caminhos.

2. Efeitos da modernidade: descortinamento

As paisagens urbanas são um reflexo fascinante das transformações sociais, econômicas e culturais que ocorrem nas cidades, especialmente em um contexto de modernidade. Elas não apenas representam o espaço físico, mas também revelam as dinâmicas sociais e os sentimentos dos indivíduos que habitam esses ambientes.

A modernidade trouxe consigo uma série de mudanças nas paisagens urbanas, como a verticalização das cidades, a construção de grandes avenidas e a proliferação de espaços públicos e privados. Essas alterações têm um impacto significativo na experiência do indivíduo, que se vê imerso em um ambiente urbano cada vez mais complexo e, muitas vezes, alienante.

Autores como Baudelaire e Hoffmann, que exploraram as paisagens urbanas em suas obras, capturaram a essência dessa experiência moderna. O flâneur, por exemplo, é uma figura que personifica a observação e a contemplação do espaço urbano, destacando a relação entre o indivíduo e a cidade. Através de seus olhares, podemos entender como as paisagens urbanas são carregadas de significados e emoções, revelando tanto a beleza quanto a alienação que a modernidade pode proporcionar.

Além disso, a arte contemporânea também tem explorado essas paisagens, refletindo sobre a vida nas cidades e os desafios que os habitantes enfrentam. Através de fotografias, pinturas e instalações, artistas têm convidado o público a refletir sobre o espaço urbano e suas implicações sociais. Assim, as paisagens urbanas são não apenas cenários, mas também espaços de vivência e reflexão, onde os desafios da modernidade se entrelaçam com as experiências individuais.

Acompanhamos brevemente o debate de alguns autores acerca dos efeitos da modernidade, quase sempre observado por meio de uma janela ou do flânar pelas ruas. E é a partir deles que analisaremos a janela de um condomínio localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. O termo Zona Sul no Rio de Janeiro, hoje, é mais do que uma simples referência geográfica, pois se converteu há algumas décadas em um verdadeiro topônimo (CARDOSO, 2011) a designar aquela parte da cidade. A Zona Sul permanece, para a maioria da população carioca, como a “utopia urbana”, como Velho (1989) chamou Copacabana, onde esse fenômeno primeiro se localizou.

Existe um contraste alto entre esta e as demais regiões da cidade tanto em termos sociais quanto econômicos e culturais. A região apresenta as melhores condições de infraestrutura da cidade, bem como vários pontos turísticos, áreas verdes e equipamentos de lazer. Contudo a região tem também espaços degradados e estigmatizados tais como as favelas e os prédios de conjugados⁵, como é o caso do prédio aqui analisado.

Como nos lembra Valladares (1994, p. 24): “[...] é sobretudo na metrópole que a heterogeneidade cultural e a diversidade quanto à posição na estratificação social, idade, etnia e grupo ocasional, produzem a coexistência, muitas vezes contraditória, de diversos estilos de vida e visões de mundo”.

⁵ Apartamentos conjugados são uma opção de moradia mais compacta e econômica, especialmente em áreas urbanas com espaço limitado.

O prédio em questão tem aproximadamente dois mil moradores, podendo ser pensado como um simulacro do prédio retratado no filme *Edifício Master*⁶, ou mesmo uma nova versão do *Barata Ribeiro 200*, estudado por Gilberto Velho⁷ na década de 1970. Da mesma maneira, encontramos a ambivalência permanente entre o desejo de acesso a bens de consumo e a precariedade de suas habitações.

Os moradores encontram-se divididos entre a possibilidade de gozo dos bens oferecidos pela sociedade urbana industrial e a angústia de viver em apartamentos mínimos em um edifício de má fama. A verdade, porém, é que o prédio aqui abordado nos será útil para pensar o espaço da janela como um limiar entre o que é público e privado.

O prédio foi construído em 1958 e seguiu uma corrente bastante comum na era pós-industrial quando as cidades se viram com muito mais habitantes do que espaços para morar. Esse crescimento das cidades tem, entre outras consequências, a maior fluidez das estruturas sociais e a construção de cada vez mais apartamentos com espaços menores. Um estilo de moradia que se fez presente na paisagem urbana da cidade desde meados da década de 1950.

Velho, que estudou um desses prédios, afirma que:

Edifícios como o Estrela de há muito causam escândalo e protesto por parte de arquitetos e urbanistas. Qualquer primeiranista de uma faculdade de Arquitetura, imediatamente, percebe os óbvios problemas de circulação, iluminação, higiene, aproveitamento de espaço etc. Hoje em dia, está proibida a construção de apartamentos conjugados. Mas o fato é que essa medida só foi tomada quando quase já não havia mais espaço para a construção de prédios em Copacabana. Esses edifícios continuam ali, com seus muitos milhares de habitantes, com novas pessoas sempre chegando. Os habitantes do Estrela são sujeitos a um certo grau de discriminação, à medida que carregam um “estigma”, no sentido que lhe dá Erving Goffman. Ou seja, morar no prédio pode ser considerado uma característica, um atributo desabonador

6 *Edifício Master* é um documentário brasileiro de 2002, dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho, sobre um antigo e tradicional edifício situado em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, que tem 12 andares, 23 apartamentos por andar, 276 apartamentos conjugados e em média 500 moradores no prédio inteiro.

7 VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

no nível de suas relações com outros habitantes das redondezas e do bairro, de modo geral (VELHO, 1973, p. 25).

Nos recortes de jornais ou em uma rápida busca de apartamentos, não é difícil localizar anúncios que destacam o silêncio, a localização e principalmente a privacidade. Sendo, portanto, a janela devassada uma razão para valores mais acessíveis, mesmo em uma área valorizada da cidade, como é o caso da Zona Sul carioca.

Para os fins deste artigo, serão utilizados trechos de alguns depoimentos de moradores do prédio, mantendo o anonimato dos entrevistados, apontando apenas o gênero e a idade aproximada. Os depoimentos foram recolhidos por meio de conversas informais e não gravadas.

Caso 1.

É de tarde, e como é comum no Rio de Janeiro em meados de novembro o calor abafado, há necessidade de que as janelas estejam abertas. Escuto a conversa se desenrolar e a princípio ela parece bastante comum: um homem necessitando colocar uma cortina em sua casa (o tom das vozes revelava a conversa toda). Achei interessante o seu conteúdo, pois o protagonista, um deficiente visual, solicita ajuda de um dos porteiros para colocar uma cortina em sua janela.

“— Me ajuda a colocar essa cortina aqui”, dizia ele. “— Não quero que fiquem me vendo”. “—Você está colocando alto o suficiente para tapar tudo?” O desenrolar da conversa segue sobre os detalhes de onde ela está sendo afixada, e termina com uma boa risada, e nosso protagonista feliz, pois agora poderia decidir o momento em que abre ou fecha a visão alheia, sem sofrer com o calor. Poderíamos pensar e explorar essa realidade a partir da seguinte questão: ele, por ser deficiente visual, não vê a vida alheia, entretanto quer impor uma barreira sobre o que os outros podem ver (homem de aproximadamente 60 anos).

Caso 2.

“— Na hora H, a gente fecha as cortinas e faz o que tem de fazer”. Esse morador vive junto com o namorado. Sua fala abre espaço para duas observações: o tabu em relação ao próprio corpo nu, o tabu em relação às atividades sexuais e, por fim, sobre a sua sexualidade. Mais uma vez, o que podemos mencionar a respeito dessa temática é como a cortina aparece como um elemento limítrofe, em relação ao que está dentro, não deixando passar o que não se quer revelar (homem de aproximadamente 35 anos).

Caso 3.

“— Quando arrumei os móveis, pensei onde colocaria o armário, não quero os outros me vendo andando de calcinha ou me trocando. Se bem que, em algum momento, vão acabar me vendo né?” (mulher de aproximadamente 36 anos).

Caso 4.

“— Assim que liberar um deste lado, você devia tentar se mudar, pois aqui não tem esse povo olhando a gente. Lembro que sempre tinha um vizinho ali do outro prédio que vivia fumando na janela, sempre que estava me trocando, uma coincidência né. Mas, se pensar bem, eu passava horas ali, na janela, lembro dos vizinhos do lado de lá (referindo-se ao outro prédio). [...] Tinha um casal que vivia brigando, ou pelo menos parecia, e bem no andar de baixo uma família gigantesca de japoneses, mas o que me incomodava mesmo era aquele vizinho sempre na janela, olhando pra mim. Você conseguiu descobrir qual é a janela da mãe que bate nos filhos? Dava pra ouvir direitinho parecia até que era dentro da minha casa, mas nunca consegui descobrir, acho que ela devia fechar as janelas pra ninguém ver, sei lá [...]” (mulher de aproximadamente 70 anos).

Caso 5.

“— Me mudei pra cá e tinha vergonha de tudo, me arrumava no banheiro, sabe como é né, mas hoje menina, eu ando é pelada, se quiserem me ver que vejam, tô nem aí, calorão desses, ando pelada mesmo” Sua janela está localizada na lateral desse prédio, de frente a uma distância de 10 metros de outro prédio, com 12 andares o que permite que sua vida privada seja observada (mulher de aproximadamente 70 anos).

O que todos esses casos têm em comum é que cada um dentro de uma realidade (gênero, classe social, orientação sexual, idade) apresenta uma razão diferente para não aparecer frente à janela, deixando de revelar para o “público” detalhes de suas vidas privadas. Como diz Foucault (2004,p. 95): “[...] a sensação constante de estar num estado de visibilidade para um olhar que está ou não está presente, pouco importa”.

Ou seja, a cidade, que era o espaço da liberdade, passa a ser o espaço da vigilância, do cerceamento da liberdade e, em muitos casos, da repressão que pode ser direta (no caso das normas do condomínio) ou indireta (pelos olhares de censura dos vizinhos).

O caso 1 demonstra que, apesar de não enxergar, o morador quer ter o poder sobre o olhar, e colocar as cortinas em seu domicílio lhe permite isso. O caso 2 nos permite pensar qual o limite do cotidiano dentro da vida privada, estando dentro de sua casa, fechado a quatro paredes, a janela é um canal que pode ser alterado, bastando olhar para a janela ao lado e acompanhar uma nova história, um novo personagem. Entretanto, não deixar que o mundo veja o momento do sexo diz mais a respeito das regras de condutas; o corpo nu, a demonstração de sentimentos e afetos, que eram comuns na idade média, sofrem mudanças com a modernidade.

Tentamos criar espaços delimitados para demonstrar determinados afetos. Por exemplo, uma ereção não é aceita no convívio em sociedade, precisando ser contida, dentro das calças, de casa, do quarto e longe dos olhares alheios.

Os casos 3 e 5 versam praticamente sobre a mesma coisa, mais uma vez o que aprendemos mediante o fato social que pode ser visto e o que deveria ficar velado. Certo de que isso muda de sociedade para sociedade, aprisiona muito mais os corpos femininos do que os corpos masculinos, mostrando um verdadeiro tabu sobre o corpo e sua nudez. Segundo Rodrigues (1986, p. 33), “O treinamento educativo consiste em introjetar nos indivíduos determinados valores e determinadas regras que orientarão os seus comportamentos em suas relações com o mundo e com a sociedade”.

O que podemos notar, portanto, é que o comportamento individual é uma resposta aos códigos impostos pela sociedade. Ainda que estes não sejam “escritos”,

existem tradições, regras passadas oralmente de pai para filho sobre o que não se deve ser feito em público, e apenas deve se revelar no privado. A vergonha de aparecer na janela, no caso 5, no entanto, mostra um cruzar de fronteira, um ato quase que desviante. Mas, por outro lado, pode ser percebido como um novo modo de lidar com o próprio corpo. Não é fácil aceitar o corpo como ele é, e somos a todo momento condicionados a entender que existem padrões de beleza a serem conquistados, sendo o olho do outro o juiz muito maior do que nosso próprio espelho. Na verdade, o espelho é só um reflexo do que a sociedade diz e, assim, na cultura, apresenta formas e reflexos diferentes e bem diversos.

Para iluminar as questões sobre público e privado e especialmente sobre a exposição da vida privada, buscamos as discussões elaboradas por Michel Foucault (2004) em relação à sociedade disciplinar que se efetiva nos espaços panópticos de vigilância e que lança luz sobre os jogos de força que se configuram na trama social.

Embora muitos autores reivindicuem a atualização ou superação do dispositivo panóptico, a concepção espacial de poder própria ao filósofo amplia as possibilidades de compreensão do panoptismo para além da concepção mais difundida de vigilância associada ao modelo arquitetural apresentado em Vigiar e Punir.

O panóptico constitui um paradigma que abriga modificações no decorrer do tempo, sendo produto e produtor de novas condições históricas de captura dos corpos de parte da população, em geral, negra, pobre e periférica. De um lado, aparecem as práticas de encarceramento, de tortura, de controle, geralmente ligadas ao aparato policial e penal; de outro, a distribuição dos corpos no espaço da cidade engendrando o surgimento de lugares estigmatizados e/ou degradados mesmo nos bairros nobres da cidade.

Depreende-se, a partir das ideias de Foucault sobre a relação entre poder, visibilidade e espaço arquitetônico, que a arquitetura, em suas interconexões com o poder, ajuda a visualizá-lo e manifestá-lo. Ao construir espaços de vigilância e controle, a arquitetura torna o poder visível e efetivo, estabelecendo uma relação intrínseca entre a configuração espacial e o exercício do poder. Dessa forma, a arquitetura se torna um elemento fundamental na materialização e na expressão das relações de poder na sociedade. Relegando a população mais pobre aos espaços

menos valorizados, com uma menor privacidade e, pelo menos no caso aqui examinado, com maior possibilidade de controle moral.

As propostas de Foucault sobre a emergência do sujeito moderno, particularmente em *Vigiar e punir* e *História da sexualidade I*, permitem uma apreciação mais próxima dos temas experienciais da corporalidade, sexualidade e gênero em contextos de modernização e “individualização” (Duarte, 1986, p. 55).

Contudo, como o social sempre permite mais de uma leitura para o mesmo fato, nota-se que os moradores do prédio estudado percebem o seu espaço privado, mesmo que seja pequeno e devassado, como o espaço da liberdade e do anonimato proporcionado pela cidade. Destaque-se que, na ideia de liberdade, prevalece a crença de ser livre para tomar suas decisões, mesmo que a única decisão relevante que se possa tomar na vida é se vai manter as cortinas abertas ou fechadas ou decidir se vai andar nu ou vestido dentro de casa.

3. Modernidade e individualismo.

A modernidade, com suas revoluções industriais e transformações sociais, impulsionou um processo de individualização sem precedentes. O foco na razão, no progresso e na autonomia individual, embora tenha gerado avanços significativos, também contribuiu para um crescente sentimento de isolamento e competição. A busca pelo sucesso pessoal, muitas vezes medida por bens materiais e status social, pode levar a uma fragmentação das relações comunitárias e a uma diminuição do senso de pertencimento. Paradoxalmente, essa ênfase na individualidade também gerou movimentos sociais que buscam a inclusão e a justiça social, demonstrando a complexidade da relação entre modernidade e individualismo. É uma relação dialética, onde a busca pela individualidade coexiste com a necessidade de conexão e solidariedade.

A modernidade traz em seu bojo uma visão romântica do indivíduo como ser autônomo, que pensa e decide livremente, que constrói a sociedade como quer e que a transforma por um ato de vontade. O indivíduo moderno é visto como um ser racional, livre e responsável por suas próprias escolhas. Essa visão contrastava com as sociedades tradicionais cujo indivíduo estava mais subordinado à coletividade, como a família, a comunidade ou a religião.

No livro "Individualismo", Louis Dumont explora a relação entre individualismo e modernidade, destacando como a individualidade se manifesta em diferentes contextos sociais. Ele distingue entre o individualismo intramundano, que é característico da sociedade moderna, e o extramundano, presente em sociedades mais tradicionais. Dumont argumenta que o individualismo moderno não é apenas uma questão de autonomia pessoal, mas está profundamente enraizado em estruturas sociais e culturais que moldam a identidade do indivíduo.

Ele também discute o impacto da modernidade nas relações sociais, enfatizando que a ênfase no indivíduo pode levar à fragmentação das comunidades e ao isolamento. No entanto, Dumont não vê o individualismo como um fenômeno puramente negativo; ele reconhece que a modernidade traz consigo a possibilidade de liberdade e expressão pessoal, ao mesmo tempo em que desafia as normas sociais estabelecidas.

Assim, a obra de Dumont oferece uma reflexão crítica sobre como o individualismo é vivido e percebido na modernidade, revelando as tensões entre a busca pela autonomia e as pressões sociais que moldam a experiência individual.

A dialética entre a busca pela individualidade e a necessidade de conexão e solidariedade permanece como um desafio central da experiência moderna. Dumont nos ajuda a entender que o individualismo não é um fenômeno isolado, mas sim um produto das estruturas sociais e culturais da modernidade, moldando a identidade individual de maneiras complexas e muitas vezes contraditórias.

Os textos literários que analisamos no início deste artigo oferecem uma visão romântica do indivíduo, retratando-o como um ser racional, livre e responsável por suas próprias escolhas. Essa representação idealiza a autonomia e a capacidade do indivíduo de moldar seu destino, destacando a importância da liberdade e da expressão pessoal. No entanto, essa perspectiva não é a única a ser considerada.

Os casos empíricos relatados nos mostram o outro lado do individualismo, onde essa busca pela autonomia e sucesso pessoal frequentemente resulta em frustração e isolamento. A pressão para se destacar em uma sociedade cada vez mais competitiva pode levar ao desgaste emocional e à solidão, evidenciando que a liberdade individual nem sempre se traduz em felicidade ou realização.

Essa dualidade é fundamental para entender a complexidade do individualismo na modernidade. Enquanto a literatura frequentemente exalta a capacidade do

indivíduo de agir e decidir, a realidade empírica revela que essa liberdade pode vir acompanhada de um profundo sentimento de solidão e alienação. A desconexão social, gerada pela busca incessante por reconhecimento e status, desafia a noção de que a modernidade é um caminho linear para o progresso. Essa tensão entre a idealização do indivíduo livre e as realidades do individualismo contemporâneo nos convida a refletir sobre o equilíbrio necessário entre a autonomia pessoal e as conexões sociais.

Olhamos e somos olhados o tempo todo. A modernidade implicou em reflexos urbanos, biopolíticos, mentais e sociais. A tecnologia agora proporciona um alcance do olhar que o homem não teria, fossem as câmeras e toda a sua distribuição pela malha urbana.

A atitude blasé nos afasta, enquanto os espaços cada vez mais reduzidos nos aproximam. Atravessamos ruas, bairros, e avenidas, mas são os estigmas e os tabus que nos atravessam diariamente. Abrimos as janelas e passamos a observar e ser observados; nessa relação, público e privado se confundem. Quais as relações com o corpo que se desenvolvem a partir do contato do olho alheio vigilante? Outra questão que a essa reflexão se impõe: pode a cortina fechar seus pudores?

Finalmente, o que os autores Poe, Hoffmann e Baudelaire analisam são as paisagens urbanas da cidade do vício (SCHORSKE, 2000, p. 71), sendo pertinente apontar que escrevem em datas próximas. É possível dizer que existem ao menos três pontos que se cruzam entre os autores: o primeiro ponto é a própria modernidade, traduzida em seus contos e poesias, o segundo é a figura do flâneur e, por fim, o próprio espaço da rua.

Londres, Paris e Berlim servem de “laboratórios”, inspirações para que estes se tornem expoentes do cotidiano, e principalmente das mudanças que o século XX apresenta em face ao encerramento do século XIX. Outra figura que acaba se tornando comum a eles é a figura do flâneur, diferente de um mero transeunte, que percorre as ruas e as vivências de modo quase poético, certamente artístico. Em suma, a rua proporciona desdobramentos de análise acerca dos efeitos da modernidade e modernização, e esse espaço inspira mais tarde diretores de filmes

como Hitchcock e o seu “Janela indiscreta”⁸, Coutinho em “Edifício Master”. Enfim, cineastas, romancistas, poetas, músicos e tantos outros.

A temática da modernidade e seus reflexos pode ser observada nos próprios direcionamentos de estudos sobre a cidade, a exemplo de Beatriz Sarlo (2009), crítica literária da cultura na Argentina, que escreve a respeito da “modernidade periférica”. Para a autora, a própria cidade passa a ser tratada como mercadoria, e, traçando o que chama de cidades reais como cidades imaginadas, vamos acompanhando as mudanças na cidade a partir do século XIX.

Lefebvre escreve, em meados dos anos 1960 e 1970, o livro “Direito à Cidade”, defendendo que um dos aspectos que mais fascina sobre a cidade não são apenas aqueles que nela habitam, mas também o fato de a cidade ser tanto reflexo quanto refletir a sociedade em si. Assim, a cidade é dependente da sociedade, mas também a sociedade é dependente da cidade, e, mais do que isso, um é o resultado do outro.

4. Considerações finais

O que as análises contemporâneas do cotidiano demonstram é que, conforme Simmel já destacava há mais de cem anos, no processo de metropolização, fez-se necessário modernizar também os sentidos. O homem agora precisa se adaptar ao ritmo da máquina e perceber a potência do olhar, pois, se a tecnologia e todas suas câmeras mudam a percepção a respeito da cidade, indiretamente mudam também a percepção sobre nós mesmos. Assim, se a modernidade aumenta e diversifica a perspectiva com todo esse sistema de vigilância “velada”, poderíamos dizer que o espaço da janela, elemento tão antigo na arquitetura das cidades, é também um espaço do que Augé (1994) chamaria de “não lugar”, este, o limiar entre público e privado?

Como desfecho dessas considerações sobre a modernidade e seus reflexos na relação entre o olhar, o espaço público e o privado, é verifica-se que a modernidade implicou causou em profundas transformações urbanas, biopolíticas, mentais e

⁸ **Janela indiscreta** é um filme americano de 1954, dos gêneros suspense e mistério, dirigido por Alfred Hitchcock, conta a história de um fotógrafo que, após quebrar a perna, está confinado a uma cadeira de rodas em seu apartamento para se recuperar. De sua janela dos fundos, ele assiste seus vizinhos: uma exuberante dançarina; uma mulher solteira de meia-idade; um solteiro compositor e pianista de meia-idade; vários casais; uma escultora; e um vendedor de joias ambulante e sua esposa acamada.

sociais. A tecnologia, com a proliferação de câmeras e a vigilância constante, alterou a forma como nos relacionamos com o espaço e com o olhar do outro. Ao mesmo tempo, a atitude blasé e a redução dos espaços públicos afastam as pessoas, enquanto os estigmas e tabus as atravessam diariamente. Essa tensão entre aproximação e distanciamento, entre público e privado, é um dos aspectos centrais da experiência da modernidade. Portanto, a modernidade e seus reflexos nos convidam a refletir sobre as transformações nas relações entre o indivíduo, o espaço e o olhar do outro.

Referências bibliográficas

AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimento**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. e prefácio Ivan Junqueira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. As Multidões. In: _____. **O Spleen de Paris: pequenos poemas em prosa**. Trad. Leda Tenório da Mata. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 41.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart. A invenção da zona sul: origens e difusão do topônimo Zona Sul na geografia carioca. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 37-58, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13581>>. Acesso em: 13 set. 2024.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Duarte, Luiz Fernando D. **Da vida nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq., 1986

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GUIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GOMES, Renato Cordeiro. **Arte como política: um olhar contemporâneo sobre a crônica de João do Rio**. Brasil: Revista de Literatura Brasileira, v. 29, n. 54, p. 25-48, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/70548>>. Acesso em: 17 set. 2024.

GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

HOFFMANN, E. T. A. **A janela de esquina do meu primo**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LE BON, Gustave. **The Crowd: A Study of the Popular Mind**. International Relations and Security Network, 1895, p. 13.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MENEZES, Marco Antonio. **Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX: História e Literatura em Baudelaire**. 2004. 184 f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MILL, John Stuart. **A Liberdade; Utilitarismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a Investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 25-66.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

SARLO, Beatriz. **La ciudad vista: mercancias y cultura urbana**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octavio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VALLADARES, Licia. **Um antropólogo explora a selva de pedras**. Ensaio lança um novo olhar sobre as condições das modernas sociedades urbanas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º de out. 1994. Ideias/Livros.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 15-29, jun. 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832000000100002>>. Acesso em: 17 set. 2024.